

CUIDADO É FUNDAMENTAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO • ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9534

ENSINO TEÓRICO/PRÁTICO NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM PARA ATUAÇÃO EM SAÚDE MENTAL

Theoretical/practical teaching in nursing graduation for mental health

Enseñanza teórica / práctica en graduación de enfermería para la salud mental

Maria do Perpétuo Socorro de Sousa Nóbrega^{1}; Wanderson Carneiro Moreira²; Suellen Cristina da Silva Chaves³; Carolina Marques Freitas⁴*

Como citar este artigo:

Nóbrega MPSS, Moreira WC, Chaves SCS, *et al.* Ensino teórico/prático na graduação em enfermagem para atuação em saúde mental. Rev Fun Care Online. 2021. jan./dez.; 13:1256-1264. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9534>

ABSTRACT

Objective: To analyze the theoretical / practical teaching in Mental Health and Psychiatry received during undergraduate nursing. **Method:** quantitative study, developed with 44 nurses from a Psychosocial Care Network in the city of São Paulo through a validated questionnaire. **Results:** 72.7% of nurses are not prepared to treat mental health for the first time, 68.2% consider that it has been poorly explored and 84.1% is interested in taking courses in the area. **Conclusion:** there is a duality in the theoretical / practical education offered by higher education institutions, configuring the need to revise skills so that generalist nurses can meet the demands of Mental Health in various fields of professional practice in accordance with paradigm of the Psychiatric Reform of the suppositions of psychosocial rehabilitation.

Descriptors: Psychiatric nursing, Mental health, Nursing education, Higher education, Professional practice.

¹ Enfermeira. Doutora. Professora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

² Enfermeiro. Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

³ Enfermeira. Mestre. Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

⁴ Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde. Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Analisar o ensino teórico/prático em Saúde Mental e Psiquiatria recebido durante a graduação em enfermagem. **Método:** estudo quantitativo, desenvolvido com 44 enfermeiros de uma Rede de Atenção Psicossocial do Município de São Paulo por meio de questionário validado. **Resultados:** 72,7% dos enfermeiros se sentem despreparados para lidar com Saúde Mental pela primeira vez, 68,2% consideram que o conteúdo foi pouco explorado e 84,1% tem interesse em fazer cursos na área. **Conclusão:** há dualidade no ensino teórico/prático ofertado pelas instituições de ensino superior, configurando a necessidade de que a formação seja revista para que enfermeiros generalistas consigam atender as demandas de Saúde Mental nos diversos campos de atuação profissional de acordo com o paradigma da Reforma Psiquiátrica e dos pressupostos da Reabilitação Psicossocial.

Descritores: Enfermagem psiquiátrica, Saúde mental, Educação em enfermagem, Ensino superior, Prática profissional.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la enseñanza teórico / práctica en Salud Mental y Psiquiatría recibida durante la licenciatura en enfermería. **Método:** estudio cuantitativo, desarrollado con 44 enfermeras de una Red de Atención Psicossocial en la ciudad de São Paulo a través de un cuestionario validado. **Resultados:** el 72.7% de las enfermeras no se sienten preparadas para tratar la Salud Mental por primera vez, el 68.2% considera que el contenido ha sido poco explorado y el 84.1% está interesado en tomar cursos en el área. **Conclusión:** existe una dualidad en la educación teórica/práctica ofrecida por las instituciones de educación superior, configurando la necesidad de revisar la capacitación para que las enfermeras generalistas puedan satisfacer las demandas de la Salud Mental en varios campos de la práctica profesional de acuerdo con el paradigma de la Reforma Psiquiátrica de los supuestos de rehabilitación psicossocial.

Descriptores: Enfermería psiquiátrica, Salud mental, Educación en enfermería, Educación superior, Práctica profesional.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde destaca a relevância de investimentos na formação de recursos humanos em saúde mental para oferta de cuidado qualificado, e sustenta que os profissionais desse campo de atuação são fundamentais para a efetiva atenção a saúde mental. Entretanto, alerta para a necessidade desses profissionais estarem preparados suficientemente para serem capazes de intervir na implantação e sustentação de políticas públicas.¹

As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Enfermagem (DCNs/ENF)² e a Lei nº.10.216 da Reforma Psiquiátrica são contemporâneas e trazem indicadores importantes para orientar a formação de profissionais comprometidos com a saúde da população e o ensino de enfermagem em Saúde Mental Mental/Psiquiatria (SM/P), com vistas a preparar profissionais articulados com a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM), capazes de superar o paradigma do louco e da loucura.³

Seguindo a lógica do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), o cuidado a pessoas com necessidades de saúde mental acontece em todos os níveis de atenção e cenários. Em qualquer circunstância, o enfermeiro lida diariamente com questões relacionadas

a esse campo de atuação, todavia, vem ofertando cuidado com pouco conhecimento, fornecido durante sua formação generalista.⁴⁻⁶

Estudos brasileiros sustentam que os conteúdos ofertados nas disciplinas de SM/P, pela maioria das Instituições de Ensino Superior (IES) são fracos e restritos, referenciados em visões historicamente ultrapassadas, ancoradas na lógica hospitalocêntrica/biomédica, e desconsideram o sofrimento mental do indivíduo em seus aspectos histórico-culturais.^{7,8} Ainda destacam que o quadro de professores desconhecem as novas formas de atendimento e que as IES não cumprem adequadamente as exigências dos órgãos de educação, formando enfermeiros com qualidade deficitária.^{9,4} Esses achados se contrapõem às diretrizes da portaria da RAPS que orienta o cuidado na lógica da Reabilitação Psicossocial (RP), na perspectiva de contribuir para a reconstrução de vida, do respeito a identidade, dignidade, pertencimento e autonomia do usuário.^{10,5}

Considerando que os currículos são produtos socialmente construídos e recebem influência de um contexto histórico e modelo de conhecimento vigente, as atualizações e reformulações curriculares conduzidas pelas IES são necessárias para fornecer conteúdos teóricos e práticos alinhados com a realidade política.^{11,12} Para superar esse hiato, o ensino teórico/prático fornecido durante a formação acadêmica precisa ser repensado quanto à suficiência de carga horária, manutenção de disciplina específica e/ou de estágios, aos conteúdos breves muitas vezes apresentados de forma preconceituosa.¹³

Enquanto responsáveis pela definição das linhas de segmento dos conteúdos das disciplinas e de sua carga horária específica, as IES devem ter no aluno o centro de suas decisões e propor o processo ensino-aprendizagem e conteúdos que, de fato, vão prepará-lo para o mercado de trabalho.¹⁴ Entendendo, portanto, que a oferta de cuidado em SM/P não se restringe ao espaço da especialidade e que é necessário desenvolver competências para o enfermeiro generalista lidar com esse campo de conhecimento, ressalta-se a importância de ampliar a discussão sobre a formação e atuação de enfermeiros na área da SM/P. Assim, este estudo tem como objetivo verificar o ensino teórico/prático em Saúde Mental/Psiquiatria, recebido durante a graduação em enfermagem.

MÉTODOS

Estudo quantitativo e descritivo, desenvolvido com enfermeiros que atuam em três componentes da RAPS da região Oeste do Município de São Paulo, sendo um Centro de Atenção Psicossocial nível III (CAPS III), uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e um Pronto Socorro (PS).

A amostra do estudo delimitou-se tendo como critério de inclusão os enfermeiros desses três serviços. Alguns profissionais graduados que atuam nesses serviços, mas,

trabalham na condição de nível médio foram excluídos, por considerar que estes não apresentam condições de fornecer a visão do enfermeiro na perspectiva profissional de atuação.

Foram convidados a participar da pesquisa todos os profissionais dos três serviços, aceitaram participar oito que atuam no CAPS, os 10 da UBS e 27 dos 29 que atuam no PS, apresentando uma amostra de 45 enfermeiros de 47 que era desejada. Um dos enfermeiros participou do pré-teste, sendo desconsiderado da amostra final de 44 enfermeiros.

A partir de revisão da literatura, foi elaborado um questionário com 33 questões fechadas contemplando dados sócio demográficos e direcionadas à formação em Saúde Mental e Psiquiatria na graduação. Após pré-teste para análise de clareza do instrumento foi possível concluir que as perguntas estavam claras e pertinentes.

A coleta de dados ocorreu em maio/junho/2017. Para o tratamento dos dados, utilizou-se o software *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*. Aplicou-se teste de Qui-quadrado de tendência linear para comparar a associação entre as respostas dos profissionais de cada serviço, considerou-se como significância estatística $p < 0,05$.

Uma vez que na literatura foram encontradas várias denominações para se referir a disciplina da graduação, adotou-se o termo “Saúde Mental/Psiquiatria”. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, parecer de nº.1.528.264.

RESULTADOS

Dos 44 enfermeiros da amostra, 36 (81,8%) são do sexo feminino, idades variando de 29-39 anos 22 (50%), 21 (47,7%) são casados, nascidos na região Sudeste 34 (77,2%).

Atuam no CAPS 8 (18,2%), na UBS 10 (22,7%) e no PS 26 (59,1%). Quanto à graduação, 20 (45,5%) concluíram há mais de 10 anos, 18 (40,9%) entre 6-10 anos e 6 (13,6%) entre 1-5 anos. Se graduaram na região Sudeste 40 (90,9%), Nordeste 2 (4,5%), Sul 1 (2,3%) e 1 (2,3%) no Centro-Oeste. A maioria formada em instituições privadas 33 (75%), no período, 15 diurno (34,1%), noturno 14 (31,8%), vespertino 4 (9,1%) e integral 11 (25%). Trabalha no serviço atual entre 1-3 anos, 22 (50%), 10 (22,7%) há mais de 7,9 (20,5%) menos de um ano, e 3 (6,8%) entre 4-6.

Quanto a pós-graduação 39 (88,6%) são especialistas e destes apenas 7 (17,9%) especialização em SM/P. Os 26 enfermeiros que atuam no PS apresentam múltiplas especializações: Unidade de Terapia Intensiva e Emergência 9 (34,6%), Gestão em Saúde Pública 10 (38,5%), Docência 6 (23,1%), Enf. do Trabalho 6 (23,1%), Obstétrica e Ginecológica 4 (15,4%), Administração 3 (11,5%), Vigilância Sanitária 2 (7,7%) SM/P 2 (7,7%). Os 10 enfermeiros que atuam na UBS com múltiplas especializações, 6 (60%) em Gestão, 3 (30%) Saúde da Família, 3 (30%) Saúde Pública, 3 (30%) Cardiologia, 1 (10%) Psicopedagogia, 1 (10%)

Auditoria, 1 (10%) Obstetrícia, e 1 (10%) Administração 1 (10%). No CAPS, 7 (87,5%) enfermeiros são especialistas, somente 5 (62,5%) em SM/P.

Em relação ao interesse em participar de capacitações na área da SM/P, 8 (100%) são enfermeiros do CAPS, 9 (90%) da UBS e 19 (73,1%) do PS ($p=0,385$). Desses 36 (81,8%) que possuem interesse, 32 (72,7%) desconhecem a oferta de cursos de capacitação pela Coordenadoria Regional de Saúde (CRS). Do total da amostra, participaram de cursos de capacitação (último ano) oferecidos pela CRS e apenas 4 (50%) enfermeiros do CAPS, 2 (20%) da UBS e 3 (11,5%) do PS ($p=0,056$).

Da amostra, 30 (68,2%) referem que o conteúdo foi pouco explorado na graduação e 72,7% relatam pouco/sem preparo para lidar com SM/P pela primeira vez. Dentre os três campos de atuação, os enfermeiros da UBS retratam que o conteúdo não foi bem explorado 10 (20%). Foi relevante o fato de ter tido o conteúdo de Saúde Mental/Psiquiatria bem explorado durante a graduação e o preparo para lidar pela primeira vez com essa área, dado demonstrado na

Tabela 1.

Tabela 1 – Exploração do conteúdo de Saúde Mental e Psiquiatria na graduação de enfermagem e preparo para lidar com a área pelos enfermeiros do CAPS, UBS e PS (N=44). São Paulo, SP, Brasil, 2017.

Variável	CAPS (N=8)	UBS (N=10)	PS (N=26)	Total (N=44)	Valor de P
	%	%	%	%	
Conteúdo Graduação					
Pouco explorado	62,5%	80%	65,4%	68,2%	0,032
Bem explorado	37,5%	20%	34,6%	31,8%	
Preparo					
Pouco/Sem Preparo	37,5%	80%	80,8%	72,7%	0,032
Preparado	62,5%	20%	19,2%	27,3%	

Fonte: $p < 0,05$

Não gostaram do conteúdo teórico de SM/P ofertado durante a graduação, 20 (76,9%) enfermeiros do PS, 4 (50%) do CAPS e 4 (40%) da UBS ($p=0,091$). Gostaram da prática vivenciada no estágio 6 (75%) do CAPS, 3 (30%) da UBS e 7 (26,9%) do PS ($p=0,061$).

Quanto mais recente é a formação do enfermeiro maior é a inserção do conteúdo de SM/P na matriz curricular ($p=0,190$). Da amostra total ($n=44$), 5 (50%) enfermeiros da UBS e 13 (50%) do PS consideram que lidam pouco ou não lidam com SM/P, e os formados há mais tempo (acima de 10 anos) reconhecem a demanda de Saúde Mental e Psiquiatria nesses serviços ($p=0,065$).

Da amostra total, 43(97,7%) tiveram uma disciplina específica de SM/P. Os conteúdos recebidos foram relacionados à temática: “Álcool e outras Drogas” 44(100%); “Desinstitucionalização-Inclusão social” 32(72,7%); “Economia Solidária (ECOSOL)” 6(13,6%); “Grupos terapêuticos” 26(59,1%); “Papel do enfermeiro na Saúde Mental” 37 (84,1%); “Política de Saúde Mental internacional” 20(45,5%); “Política de Saúde Mental Nacional” 34(77,2%); “Psicofarmacologia” 37(84,1%); “Rede de Atenção Psicossocial” 15(34,1%); “RP” 27(61,4%);

“Transtornos Mentais” 42(95,4%); “Relacionamento Interpessoal-Terapêutico e Comunicação Terapêutica” 33(75%); “Saúde Mental na Atenção Básica” 28(63,6%). Para 15(34,1%) o conteúdo SM/P aconteceu também no contexto de outras disciplinas como: Farmacologia, Saúde Pública ou Saúde Coletiva.

Houve uma diversidade de campos de estágio durante a graduação. Predominou como campo a enfermagem psiquiátrica 21 (47,7%) e o Hospital Psiquiátrico (HP) 18 (40,9%). Os enfermeiros da UBS 5 (50%) fizeram seu estágio supervisionado obrigatório em HP. Dos enfermeiros do PS (N=26), 15 (57,7%) fizeram estágio em Enfermarias de Psiquiatria em Hospital Geral e 11 fizeram seu estágio supervisionado obrigatório em HP. Dos enfermeiros do CAPS, 5 (62,5%) fizeram estágio em CAPS e os demais em HP.

Os profissionais que fizeram estágio em HP 18 (100%) e em Enfermarias Psiquiátricas 16(85,5%) referem despreparo para lidar com a área. Os enfermeiros também tiveram oportunidade de conhecer outros campos de atuação como CAPS Álcool e outras Drogas (CAPS AD) 3 (6,8%), Comunidades Terapêutica 5 (11,4%) e clínica escola 8 (18,2%).

Da amostra total do estudo, 27 (61,4%) concluíram a graduação com carga superior a 15 dias de estágio supervisionado. Dos enfermeiros do CAPS 7 (87,5%) nenhum concluiu o tempo de estágio apenas com visitas técnicas, diferente de 3 (30%) enfermeiros da UBS, e 2 (7,7%) enfermeiros do PS. O estágio opcional (escolhido pelo aluno no último período do curso) foi realizado por 4 (9,1%) dos enfermeiros do estudo, sendo 2 (25%) do CAPS e 2 (7,7%) do PS, e 1 (2,3%) da UBS, com mais de 100 horas.

Os enfermeiros do estudo acreditam ser sua função no âmbito da SM/P no Acompanhamento Individual Terapêutico, como Consultas semanais de Saúde Mental/Psiquiatria, 17 (38,6%); Visita Domiciliar 18 (40,9%); reunião de Matriciamento 18 (40,9%); construção de Projeto Terapêutico Singular 18 (40,9%); cuidar de questões de moradia e trabalho do usuário 22 (50%).

As concepções referentes à área de Saúde Mental/Psiquiatria, antes de entrar na graduação e após o contato com a mesma durante a disciplina ou na inserção no mercado de trabalho foram diferentes. Consideravam uma atuação difícil e após o contato mudaram essa percepção 26 (59,1%); acreditavam que não era uma área difícil e após o contato passaram a interpretá-la como difícil 10 (22,7%). Dos 33 (75%) enfermeiros que consideravam o processo de trabalho em SM/P horizontalizado, após o contato com a área, passaram a enxergá-la como verticalizada 7 (15,9%) (p=0,513).

Antes e após terem contato com a área, 23 (52,3%) da amostra, manteve a visão de ser uma área com alta complexidade de cuidado, 21 (47,7%) dos profissionais manteve a visão de alta periculosidade, e 7 (15,9%) que não viam periculosidade passaram a ver (p=0,044). Sobre a

visão de um cuidado mais humanizado para essa população, 19 (43,2%) enfermeiros passaram a reconhecer como parte integrante após sua inserção, em contrapartida, 25 (56,8%) profissionais não o reconhece (p=0,002). Consideravam uma área com baixa procura profissional antes de trabalhar 9 (20,5%) e após o convívio 6 pessoas (13,6%).

Em relação ao estigma, 22 (50%) passaram a entender o quanto a SM/P é estigmatizada e 22 (50%) mantiveram-se sem essa perspectiva (p=0,025). A possibilidade de inclusão social de usuários foi reconhecida por 27 (61,4%) enfermeiros e 7 (15,9%) não reconheciam essa possibilidade, e continuaram acreditando mesmo após o contato com a área (p=0,105). No que diz respeito à visão de cuidado com foco na desospitalização e desmedicalização, 25 (56,8%) profissionais mantiveram a perspectiva de que estes fazem parte do tratamento, 19 (43,2%) (p=0,006) passou a reconhecer outra possibilidade.

A escolha pela área de SM/P para atuação profissional foi conduzida por questões pessoais e afinidade para 27 (61,4%); por gostar do conteúdo durante a graduação 16 (36,4%); gostar do estágio curricular 14 (31,8%); por casos de saúde mental na família, despertando a curiosidade 3 (6,8%); entraram na área por localização do serviço 6 (13,6%); escolheram por benefícios ou salário 12 (27,3%); entraram na área por oportunidade de emprego 12 (27,3%); para autoconhecimento 8 (18,2%) e por imposição do serviço 4 (9,1%).

Quanto às funções específicas do enfermeiro na área de SM/P, as mesmas não são reconhecidas igualmente pelos profissionais. Em relação à realização de Grupos Terapêuticos, Atendimento Terapêutico e Consultas semanais de SM/P 9 (90%) profissionais da UBS, 2 (25%) do CAPS e 16 (61,5%) do PS não a reconhecem como parte de suas atividades (p=0,018). Para 5 (50%) enfermeiros da UBS, 5 (62,5%) do CAPS e 16 (61,5%) do PS o Matriciamento não é reconhecido como possibilidade de trabalho de prática dos mesmos (p=0,836). Sobre o Projeto Terapêutico Singular, 5 (62,5%) enfermeiros do CAPS, 3 (30%) da UBS e 10 (38,5%) do PS reconhecem fazer parte de suas responsabilidades (p=0,404). No geral, 26 (59,1%) dos enfermeiros não reconhecem a Visita Domiciliar em SM/P como uma função, sendo esses 2 (25%) do CAPS, 18 (69,2%) do PS e 6 (60%) da UBS.

DISCUSSÃO

Os achados trazem como características de seus participantes a presença de profissionais do sexo feminino, jovens, predominantemente formados em instituições privadas, há mais de dez anos, com pouca atuação no local de trabalho atual, mas com experiência profissional prévia.

Foi possível detectar potência no ensino de graduação que conferiu ao futuro enfermeiro aporte teórico-prático para sustentar ações de SM/P, todavia há comprometimento nos profissionais que hoje atuam na Atenção Básica a

Saúde. Se tivessem recebido esse conteúdo de forma ampla estariam mais assegurados para melhor contato com a área. Ao correlacionar essa realidade com a literatura observa-se que essa problemática ainda não foi completamente superada e ainda não atende a prerrogativa de um ensino teórico/prático necessário em SM/P para uma atuação condizente com as políticas atuais.¹⁵

Não gostar do modo como o conteúdo teórico-prático foi conduzido sinaliza incoerência com uma realidade de cenários de práticas hostis, que não permitiram um olhar mais plural sobre o cuidado nesse campo de atuação. Panorama que aumenta a chance de desinteresse pela área inviabiliza o quantitativo de recursos humanos e diminui as possibilidades de inserção desses futuros profissionais no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, considera-se que o protagonismo do aluno precisa ser constituído como possibilidade de melhor aproveitamento durante seu processo formativo.¹⁶

Ainda assim, os enfermeiros formados recentemente tiveram maior de inserção do conteúdo de SM/P na matriz curricular, achados sustentados pelos direcionamentos das DCNs/ENF e da Lei 10.216, que trazem um sopro de otimismo e salvaguarda que o ensino teórico/prático desses futuros profissionais necessita ser repensando constantemente.

Os enfermeiros que atuam em UBS (Atenção Básica) e no Pronto Socorro (Emergência), em geral consideram que lidam pouco ou não lidam com Atenção Básica nesses cenários. Essa percepção não dialoga com o momento atual que mobiliza a construção e sedimentação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), e tem em seus componentes a Atenção Básica à Saúde e Atenção de Emergência Psiquiátrica, onde a Enfermagem possui um papel significativo, e em todos os componentes da rede é preconizado a presença do enfermeiro.^{17,18}

Essa percepção também se distancia, quando uma parcela dos informantes, especialmente para os recém-formados, trazem que a temática Atenção Básica na Atenção Básica à Saúde esteve presente durante a graduação. Esse achado permite o questionamento, “será que os enfermeiros que atuam em UBS não lidam com SM/P ou não reconhecem que de alguma forma exercem ações nesse âmbito”?

Uma vez que cerca de um terço da demanda da Atenção Básica processa-se em atendimentos de pessoas com transtornos mentais leves, acredita-se que essa percepção é relativa as condições mais severas e robustas, o que merece atenção especial, uma vez que pessoas em sofrimento leve podem não estar sendo devidamente atendidas. Em contrapartida, uma parcela, especialmente àqueles formados há mais tempo reconhecem que essa demanda existe, mas, os conteúdos rasos recebidos durante a graduação não sustentam suas ações, e ainda que façam ações de SM/P minimizam e/ou não reconhecem que o fazem.

Representa ganho o fato que a disciplina específica de SM/P esteve presente para a maioria dos entrevistados, e os conteúdos explorados estão de acordo com as necessidades de saúde vigente, tais como a temática Álcool/outras Drogas, muito em função das políticas públicas de álcool e outras drogas e planos de enfrentamento ao crack que tem exigido a oferta de cuidados de enfermagem qualificados para atender essa demanda.

A formação de enfermeiros aptos para trabalhar deve se sustentar em um ensino fundamentado nos paradigmas da atual política de saúde mental. Nessa perspectiva, a temática desinstitucionalização-inclusão social foi trabalhada para grande parte dos participantes. Enquanto uma prática inovadora de cuidado, é fundamental para consolidar os avanços da Reforma Psiquiátrica e a organização dos cuidados em saúde mental.¹⁹

A temática Economia Solidária (ECOSOL) constitui uma proposta emancipatória que se processa por meio do trabalho e representa eixo importante da RAPS. No entanto, esse tema não foi bem explorado na formação dos enfermeiros desse estudo, produzindo uma lacuna quanto à instrumentalização desses profissionais para atuar com esta forma de organização social do trabalho em sua práxis.

Em relação ao conteúdo Grupos Terapêuticos, concebidos como um dos principais recursos no contexto de trabalho nos CAPS, a oferta aconteceu para mais da metade dos profissionais participantes do estudo, o que demonstra que estes trazem consigo conhecimentos prévios que subsidiam a aplicabilidade desse recurso em suas atividades cotidianas. Por outro lado, não garante que essa modalidade de intervenção seja efetivada, uma vez que há limites e possibilidades para realização destes grupos aos usuários.

Mesmo sendo possível realizar os Grupos Terapêuticos nas modalidades de psicoterapia de grupo, grupos operativos, atividades de suporte social e oficinas terapêuticas, de caráter educativo, informativo, de reflexão e suporte, o estudo destaca que essa temática ainda é pouco trabalhada no âmbito dos currículos da graduação de Enfermagem, e ampara que os profissionais enfrentam dificuldades para desenvolver essa prática no cotidiano profissional.²⁰

A reestruturação da assistência em SM/P pautada na lógica da desinstitucionalização trouxe novos espaços de atuação para o enfermeiro e um repensar sobre sua prática. Nesse novo paradigma, é atribuído um papel extremamente ativo aos enfermeiros, especialmente nos CAPS.

Embora, o estudo revele que os conteúdos gerais da SM/P estão presentes, os mesmos foram conduzidos de forma breve. Desse modo, reconhece-se que essa abordagem não garante que o profissional tenha de fato ensino teórico/prático pautado nos princípios da PNSM, uma vez que esse conteúdo deve propiciar ao futuro enfermeiro condições para avançar na especialidade, ser crítico-reflexivo, criativo, e capaz de romper paradigmas tradicionais, fortalecendo

o cuidado neste campo de atuação numa realidade Pós Reforma Psiquiátrica.^{5,13}

Necessário reconhecer que para inserção no mundo de trabalho contemporâneo, os enfermeiros precisam conduzir práticas transformadoras e compor serviços que estão se configurando e se moldando, tendo como premissa que fazer SM/P não se limita ao cenário exclusivo da especialidade.⁷ Devem trazer consigo a perspectiva do rompimento de práticas e concepções tradicionais, e exercer posicionamento político no trabalho, junto à sociedade, às famílias e na desconstrução de estigma e preconceito²¹ sustentado no exercício da autonomia e cidadania, ancorados nos pressupostos da RP.

Os conteúdos de Saúde Mental/Psiquiatria foram integrados nas disciplinas de Saúde Pública/Saúde Coletiva, mostrando a convergência entre esses dois campos, possibilitando inferir um ensino teórico/prático na formação do enfermeiro na perspectiva de desconstrução do paradigma biomédico, patologizante, em detrimento de uma visão da saúde como expressão dos determinantes psicossociais.²²

Ainda assim, o ensino de Psicofarmacologia, juntamente com a nosologia dos Transtornos Mentais, revela centralidade do ensino como foco na doença e na medicalização, achados que ainda permeiam fortemente a formação dos enfermeiros e se sustenta no modelo biomédico.

Conteúdos sobre a RAPS, instituída pela Portaria 3.088/2011, não foram amplamente trabalhados na formação. Ainda que jovem essa política vêm exigindo mobilização em torno de sua construção e sedimentação e contempla papel significativo do enfermeiro em todos os componentes.¹⁷

Surpreende o fato de que os conteúdos sobre Relacionamento Interpessoal-Terapêutico e Comunicação Terapêutica, instrumentais do trabalho do enfermeiro, estiveram mais presente para aqueles que se formaram há mais tempo. Considerando que a Comunicação Terapêutica tem papel importante na atenção às necessidades de saúde do indivíduo e representa componente essencial dos cuidados, é fundamental que a abordagem e/ou o aprofundamento desse conteúdo, sejam fornecidos ainda na graduação e se prolonguem em atividades de educação permanente de forma a garantir a proposição do cuidado de enfermagem em SM/P, de acordo com seu referencial teórico assistencial.

Na contramão desse achado, estudo sobre a inserção da temática do Relacionamento Interpessoal-Terapêutico/ Comunicação Terapêutica, no ensino de graduação em enfermagem, no Estado de São Paulo, destacou que as instituições formadoras devem assumir o compromisso de inserção desse conteúdo, pois o mesmo é um a ferramenta promotora de saúde mental utilizada na especificidade da área e/ou qualquer outra área do conhecimento da profissão.²³

Parte significativa da amostra do presente estudo não enxerga a Visita Domiciliar (VD) como estratégia possível do cuidado para os usuários de saúde mental. Esse dado contrapõe a uma realidade que sustenta essa prática no cotidiano, como meio de esclarecimento de dúvidas à família/usuário, apoio, no acompanhamento do tratamento medicamentoso, nas orientações gerais de manejo e encaminhamentos, bem como meio para o acolhimento e estreitamento do vínculo e possibilidade de conhecer a realidade e o contexto de vida da população.

Considerando que no contexto do estágio e da prática profissional em Saúde Mental/Psiquiatria, conteúdos e vivências relativas a situações de violência, enfraquecimento da estrutura familiar, exclusão/inclusão social, estigma, desmedicalização, desospitalização e subcidadania, dentre outros, fazem parte do processo de cuidar, parte significativa da amostra do estudo reconhecem que essas temáticas foram abordadas na formação.

A escolha do enfermeiro por uma área específica para sua futura atuação profissional tem forte ligação com a forma como a graduação é desenvolvida e pode impactar na qualidade da assistência proporcionada. Nesse estudo, detectou-se que alguns profissionais não vivenciaram a prática em Saúde Mental/Psiquiatria ou tiveram um contato menor durante a graduação, em forma de rápidas visitas técnicas e/ou em cenários que desfavorecem o processo ensino-aprendizagem. A demais é sabido que conteúdos curriculares insatisfatórios e o distanciamento de campos de prática impactam no desinteresse futuro pela área e favorece a escassez de recursos humanos.¹³

Alguns enfermeiros trazem consigo uma visão estereotipada e preconceituosa em relação aos usuários de SM/P antes e após terem contato com a área, e exige dos profissionais que não coadunam com essa lógica o exercício diário de desconstrução dessas crenças ainda fortemente arraigadas. Quando essas questões não são trabalhadas durante a formação e em processo de educação permanente, corre-se o risco de comprometer negativamente a atuação profissional e as condutas terapêuticas.²⁴

O trabalho em equipe multiprofissional em SM/P tem gerado muitas discussões, tendo na lógica da horizontalidade no contexto da prática um desafio a ser consolidado pelas equipes e gestores. Os enfermeiros que consideravam o processo de trabalho em SM/P horizontalizado, após terem contato com a área, passaram a enxergá-la como verticalizada. Mesmo sendo visto como um cenário de prática onde o modo de trabalho é mais integrado e horizontal do que em outros espaços, há certo predomínio da valorização do profissional médico nos CAPS, e maior disponibilidade dos demais profissionais para o trabalho partilhado.

Em relação a entender sua função em relação à SM/P nos serviços, os enfermeiros de PS e de UBS em geral, reconhecem apenas as funções administrativas, medicamentosas e atendimento clínico, como atribuição

do seu campo de atuação. Além de que a função de triagem e acolhimento não é compreendida como um espaço de cuidado terapêutico e escuta qualificada. Alguns ainda reconhecem as funções, mas não executam de fato, referindo não serem possíveis tais atribuições nos serviços que atuam. Posto isso, ressalta-se a importância da educação continuada para preparar o profissional, construir o reconhecimento e o potencial do serviço bem como do cuidado com Saúde Mental/Psiquiatria.

O setor de Urgência e Emergência faz parte do escopo da RAPS, cenário que deve realizar diagnósticos clínicos e psicossociais de forma assertiva, rápida, com oferta de cuidado com qualidade para usuários em situações de risco para si e para terceiros. Nesse espaço, o papel do enfermeiro implica ação assistencial direta e de gestão do cuidado, com intervenções que exigem disponibilidade interna do profissional, atenção, acolhimento, vinculação, escuta e apoio para produzir cuidado.

Os enfermeiros que atuam no PS pouco reconhecem sua participação para além das funções/ações de caráter administrativo, medicamentoso e atendimento clínico não específico em SM/P, consequentemente ofertando cuidado com qualidade insuficiente para uma demanda com características próprias. Da mesma forma, reconhece-se que uma formação deficitária nesse campo de prática, pode conduzir a uma lógica de cuidado centrada na remissão de sintomas e internações desnecessárias, dificultando que sejam atendidos os pressupostos da desinstitucionalização.

Em relação a funções que o enfermeiro deve ter em determinados cenários de atuação em SM/P, surpreende o fato de que os profissionais do presente estudo, atuantes em CAPS, apresentam uma visão restrita de sua função, não conseguem reconhecer ações fundamentais no contexto da assistência em saúde mental atual, como matriciamento e consultas de enfermagem como parte do cuidado.

Reconhecendo a importância do aprimoramento, os enfermeiros referem necessidade de continuação dos estudos, buscam especializações ou cursos ligados à área. Nesse percurso, aqueles que atuam em CAPS avançam mais que os enfermeiros de outros campos, possivelmente pelas demandas do próprio serviço. Os que trabalham em UBS e PS, que pouco reconhecem o lidar cotidiano com pessoas que necessitam de cuidados em Saúde Mental/Psiquiatria, buscam menos formação complementar.

Os enfermeiros dos CAPS apresentaram mais aprofundamento de sua prática, possivelmente por terem se apropriado de forma particular dos conteúdos de SM/P durante a graduação, desse modo são mais seguros da escolha pela área de atuação. Apesar do interesse apresentado em relação à educação permanente, a maioria dos entrevistados do estudo não participa e desconhece os cursos oferecidos pela rede, justificando intensidade na divulgação dessas propostas.

No que tange ao preenchimento das lacunas deixadas pela graduação, deve-se pensar em estratégias sustentáveis

para construção de conhecimentos numa perspectiva técnico-científica, que possibilite uma práxis segura, articuladas com as necessidades da população e políticas vigentes.²⁵⁻²⁶ E hoje, em tempo de construção das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Enfermagem, atingir um processo educativo de qualidade, é fundamental potencializar a indissociabilidade entre a dimensão política e a epistemológica entre a teoria e a prática.²⁷

Analisando que a formação não pode ser marcada apenas pela teoria, o estágio durante a graduação fortalece a formação do profissional para o mundo do trabalho. Houve uma variedade de campos onde os estágios realizados pelos enfermeiros foram desenvolvidos, o que permite corroborar com a premissa de que a diversificação dos cenários de ensino-aprendizagem representa uma prática positiva, e contribui para a formação de profissionais mais críticos.

Entretanto, é importante destacar ausência de estágio obrigatório na matriz curricular em algumas IES, e estágios em cenários distantes do proposto pela PNSM. Há pouca ênfase em estágios optativos. Centralidade de estágios em CAPS e em hospital psiquiátrico superior ao encontrado em estudo desenvolvido com o tema da saúde mental na formação dos profissionais.¹¹ Enquanto outras IES, mais comprometidas com o ensino de Saúde Mental/Psiquiatria proporcionaram maior contato com a área por meio de estágios supervisionados superior a 15 dias.

Dado similar encontrado em recente estudo¹² mostrou que enfermeiros formados há mais de dez anos sentiram-se mais preparados ao entrar em contato com a área da SM/P pela primeira vez. Nesse caminho, destaca-se que estes chegaram a receber conteúdos sobre inclusão social e o trabalho em redes bem antes dessas temáticas se aprofundarem enquanto compromisso político pautado na RAPS, demonstrando potencialidades de algumas IES em articular conteúdos ancorados na PNSM.¹²

O estudo tem como limitações o tamanho da amostra e a leitura de uma realidade local com suas especificidades que, entretanto, não infirmam seus resultados, mas direcionam a condução de estudos futuros. Considera-se que os achados são importantes para nortear discussões sobre a formação do enfermeiro e sua atuação na área da SM/P.

CONCLUSÕES

Há dualidade no ensino teórico/prático ofertado pelas IES na condução do ensino de SM/P e mostrou a necessidade de condução de uma formação que de fato contribua para o enfermeiro atuar com segurança na área.

A heterogeneidade quanto ao reconhecimento das demandas de Saúde Mental/Psiquiatria, na perspectiva dos enfermeiros que atuam em UBS e PS mostra que avanços precisam acontecer para solidificar o trabalho na RAPS uma vez que o cuidado em SM/P não se restringe

a campo da especificidade. Os conteúdos de SM/P foram pouco explorados durante a graduação e não preparam suficientemente os futuros enfermeiros para lidar com as especificidades da área pela primeira vez.

É necessário rever a formação para que enfermeiros generalistas consigam atender as demandas de SM/P, nos diversos campos de atuação profissional, de acordo com o paradigma de cuidar pressupostos no modo da atenção psicossocial.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. Relatório sobre saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OMS; 2001. Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>. Acesso em 29 jun 2018.
2. Ministério da Educação (Brasil). Resolução CNE/CES nº 3, de 7/11/2001. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Brasília: Diário Oficial da União 09 Nov 2001; Seção 1.
3. Ministério da Saúde (BR). Política Nacional de Saúde Mental. [citado 2017 out 06]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=24134 Acesso em: em 29 jun 2018.
4. Júnior ACS, Otani MAP. O ensino da enfermagem psiquiátrica e saúde mental no currículo por competências. REME Rev Min Enferm [Internet] 2011; 15(4): 539-45. [acesso em: 29 Jun. 2018]. Disponível em: <http://reme.org.br/content/imagebank/pdf/v15n4a10.pdf>
5. Lucchese R, Barros S. A constituição de competências na formação e na prática do enfermeiro em saúde mental. São Paulo: Rev Esc Enferm USP. [Internet]. 2009 Mar [acesso 29 jun 2018]; 43(1): 152-60. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342009000100020&lng=en.
6. Pereira AA, Reinaldo AMS, Andrade DCL. Formação dos enfermeiros em Saúde Mental que atuam na Atenção Primária à Saúde: Contribuições Teóricas. Sanare [Internet]. 2015 [acesso em 29 jun 2018]; 14(1): 08-14. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/601/318>
7. Neves HG, Lucchese R, Munari DB, Vera I, Santana F. O processo de formação do enfermeiro em saúde mental para atenção primária em saúde. Rev RENE. [Internet]. 2012 [acesso em 20 junho 2018]; 13(1). Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/17/13>
8. Martinhago F, Oliveira WF. (Des)institucionalização: a percepção dos profissionais dos Centros de Atenção Psicossocial de Santa Catarina, Brasil. Saúde Soc. [Internet]. 2015. [acesso em 20 junho 2018]; v.24, n.4, 1273-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n4/1984-0470-sausoc-24-04-01273.pdf>
9. Goulart MSB, Silva CR, Silva ER. A universidade e a reforma psiquiátrica: fios e desafios. São João Del-Rei: Pesquisas e Práticas Psicossociais. [Internet]. 2015. [acesso em 20 junho 2018]; Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n2/13.pdf>
10. Salles MM, Barros S. Representações sociais de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial e pessoas de sua rede sobre doença mental e inclusão social. Saúde Soc. [Internet]. 2013. [Acesso em 27 Jul 2016]; v.22 n.4. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n4/09.pdf>
11. Carneiro LA, Porto CC. Saúde mental nos cursos de graduação: interfaces com as diretrizes curriculares nacionais e com a reforma psiquiátrica. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. [Internet]. 2014 [acesso em 20 junho 2018]; v.6, n.14, p.150-67. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1666/3944>
12. Souza MC, Afonso MLM. Saberes e práticas de enfermeiros na saúde mental: desafios diante da Reforma Psiquiátrica. Gerais: Rev Interinst Psicol. [Internet]. 2015. [cesso em 27 Jul 2017]; 8(2): 332-47; Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8n2/v8n2a04.pdf>
13. Cortes JM, Kantorski LP, Barros S, Antonacci MH, Chiavagatti FG, Willrich JQ. Saberes e fazeres que integram o ensino de enfermagem psiquiátrica na perspectiva de enfermeiros docentes. Rev Port Enferm Saúde Mental. [Internet]. 2014 [acesso em 08 junho 2016]; 2014:34-42. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n12/n12a05.pdf>
14. Ministério da Saúde (BR). Resolução nº 4, de 6 de abril de 2009. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Terapia Ocupacional, Bacharelados, na modalidade presencial. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004_09.pdf
15. Neves HG, Lucchese R, Munari DB, Vera I, Santana F. O processo de formação do enfermeiro em saúde mental para atenção primária em saúde. Rev RENE. [Internet]. 2012; [acesso em 10 mai 2016]; 13(1). Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/17/13>
16. Freitas KFS, Oliveira MFV, Lopes MMB, Garcia TE, Santos MS, Dias GAR. Novas possibilidades para o ensino de enfermagem em saúde mental: uma experiência de monitoria. Rev Rene. [Internet]. 2014 [acesso em 29 Jun 2018]; set-out; 15(5): 898-903. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3269>
17. Ministério da Saúde (BR). Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde; 2011. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/sau/legis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html
18. Esperidião E, Silva NS, Caixeta CC, Rodrigues J. A Enfermagem Psiquiátrica, a ABEn e o Departamento Científico de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental: avanços e desafios. Rev. Bras Enferm. [Internet]. 2013 Setembro [acesso em 01 nov 2017]; 66: 171-6. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000700022>.
19. Souza MC, Afonso MLM. Saberes e práticas de enfermeiros na saúde mental: desafios diante da Reforma Psiquiátrica. Gerais, Rev. Interinst. Psicol. [Internet]. 2015 Dez [acesso em 16 nov 2017]; 8(2): 332-47. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-2202015000300004&lng=pt.
20. Bourguignon LN, Guimarães ES, Siqueira MM. A atuação do enfermeiro nos grupos terapêuticos dos Caps Ad do Estado do Espírito Santo. Cogitare Enferm. [Internet]. 2010 Jul/Set [acesso em 16 nov 2017]; 15(3): 467-73. Disponível em: <http://www.saude.ufpr.br/portal/revistacogitare/wp-content/uploads/sites/28/2010/07/18889-6767-1-PB.pdf>
21. Mercedes AMF, Souza BML, Silva TL, Silva TTM, Cavalcanti AMTS. Práticas de enfermagem em saúde mental na estratégia de saúde da família: revisão integrativa. Cogitare Enferm. [Internet]. 2015. Abr/Jun; [acesso em 05 jan. 2017] 20(2): 417-25. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/38560/25553>
22. Scarcelli IR, Alencar SLS. Saúde Mental e Saúde Coletiva: Intersetorialidade e Participação em Debate. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. [Internet]. 2009; [acesso em 05 jan. 2017] 1(1). Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1001/1114>
23. Kantorski LP, Pinho LB, Saeki T, Souza MCBM. Relacionamento terapêutico e ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental: tendências no Estado de São Paulo. Rev Esc Enferm. USP [Internet]. 2005 [citado 05 fev 2018]; 39(3): 317-24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342005000300010&lng=pt
24. Ferreira, FN, Fernandino, DC, Souza, GRM, Ibrahim, TF, Fukino, ASL, Araújo, NC, Vidal, CEL. Avaliação das Atitudes de Estudantes da Área da Saúde em relação a Pacientes Esquizofrênicos. Revista Brasileira de Educação Médica. 2015. [citado 29 jun 2018]; 39(4), 542-9.
25. Moreira WC, Rodrigues ABM, Monte TKM, Magalhães JM, Damasceno, CKCS. Alcohol and other drugs: contributions of an academic league for Nursing training. Rev Enfer UFPI [Internet]. 2017 Jul-Sep;6(3):82-8.
26. Silva NKN, Carvalho CMS, Magalhães JM, Júnior JAMC, Sousa BVS, Moreira WC. Ações do enfermeiro na atenção básica para prevenção do suicídio. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. abr.-jun. 2017;13(2):71-77.
27. Adamy EK, Teixeira E. A qualidade da educação em tempos de novas Diretrizes Curriculares Nacionais. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2018 [citado 2018 Ago 08]; 71(Suppl4): 1485-6.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext
&pid=S003471672018001001485&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672018001001485&lng=pt)

Recebido em: 15/11/2019
Revisões requeridas: 27/07/2020
Aprovado em: 14/08/2020
Publicado em: 31/08/2021

***Autor Correspondente:**

Maria do Perpétuo Socorro de Sousa Nóbrega
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, nº 419
São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: perpetua.nobrega@usp.br
Telefone: +55 119 91174062
CEP: 05.403-000